

**AUTONOMIA E JUVENTUDE: A EXPERIÊNCIA DO PERIÓDICO VIRTUAL
DIÁRIO DE CLASSE**

Caroline Araújo Bordalo*

Valena Ribeiro Ramos**

RESUMO: Muito se fala em *protagonismo estudantil*, *novas tecnologias* na educação e da combinação entre ambos. Seriam os pilares de uma educação atenta às mudanças urgentes pelas quais nosso sistema de ensino precisa passar, sob risco de tornar-se totalmente obsoleto e distante das novas gerações. Contudo, neste projeto buscamos desenvolver uma concepção de protagonismo estudantil como fenômeno coletivo, isto é, necessariamente associado às demandas dos jovens por transformação social e que se expressam no contexto da educação. Salientamos a democratização como um aspecto fundamental que se revela em metodologias mais horizontais e na importância da extensão como forma de conexão e elemento impulsionador de mudanças concretas nas instituições. O projeto do periódico virtual Diário de Classe articula a valorização da extensão como área essencial para pensarmos novos horizontes na educação brasileira bem como o engajamento dos estudantes neste processo a partir da produção e circulação de conhecimento produzido na educação básica. Nesses termos, o protagonismo estudantil pode ser potencializado pela utilização das novas tecnologias, mas assume como princípio a superação dos muros que hoje separam as escolas do seu contexto social imediato. Para tal fim, lançamos mão de plataformas virtuais e redes sociais como meio de divulgação do projeto e nos mantemos em interlocução com colaboradores que compõem o conselho editorial, os quais são fundamentais para alcançarmos o objetivo de estimular a produção e a circulação de conhecimento por estudantes das diferentes redes de ensino.

Palavras-chave: protagonismo estudantil; ensino médio; periódico virtual.

ABSTRACT: Much is said about student leadership, new technologies in education and the combination of both. They would be the pillars of an education attentive to the urgent changes that our education system needs to go through at the risk of becoming totally obsolete and distant from the new generations. However, in this project we seek to develop a conception of student protagonism as a collective phenomenon, that is, necessarily associated with the demands of young people for social transformation and which are expressed in the context of education. We emphasize democratization as a fundamental aspect that is revealed in more horizontal methodologies and in the importance of extension as a form of connection and a driving force for concrete changes in institutions. The project for the virtual journal *Diário de Classe* articulates the valorization of extension as an essential area to think about new horizons in Brazilian education as well as the engagement of students in this process based on the production and circulation of knowledge produced in basic education. In these terms, student

* Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RJ e docente de Sociologia do CEFET-RJ. E-mail: caroline.bordalo@cefet-rj.br

** Doutora em Antropologia pela UFF e docente de Sociologia do CEFET-RJ. E-mail: valenasociologia@gmail.com.

leadership can be enhanced using new technologies, but it takes as a principle to overcome the walls that today separate schools from their immediate social context. To this end, we make use of virtual platforms and social networks as a means of disseminating the project and keep in dialogue with employees who make up the editorial board, who are essential to achieve the objective of stimulating the production and circulation of knowledge by students. different education networks.

Keywords: student leadership; high school; virtual periodical.

Introdução

O conceito de protagonismo estudantil, ou mesmo de juventude num sentido mais amplo, tem sido largamente utilizado para compreender as formas de engajamento recentes de uma geração com características significativamente distintas das anteriores. Um dos aspectos motivadores dessa mudança seria o acesso à informação por meio da internet, num ambiente virtual capaz de aproximar realidades e criar redes a partir de interesses em comum. Ainda que este fenômeno não esteja circunscrito à adolescentes, nos interessa aqui observar os impactos e as consequências da relação entre protagonismo e novas tecnologias na medida em que estas são frequentemente associadas a noções como autonomia, liberdade e emancipação (PEIXOTO, 2017). Nos chama atenção o fato dessa associação entre juventude, educação e novas tecnologias ser comumente associada a ideia de inserção em novas dinâmicas sociais globais, nas quais são as gerações mais novas que figuram com destaque ou, se preferirmos, com protagonismo.

Sobre esse aspecto, consideramos que o discurso sobre engajamento juvenil é atualmente um termo em disputa em que se busca produzir um descolamento da história recente de movimentos sociais formado por jovens ou do movimento estudantil propriamente dito para uma versão meramente individualista e meritocrática. Quando nos referimos a um conceito em disputa, tratamos daqueles que podemos observar nas narrativas de grandes corporações no setor educacional.¹ Como exemplo, reproduzimos abaixo o entendimento do Instituto Ayrton Sena sobre protagonismo²:

¹ Como exemplo podemos citar os grupos Eleva, Cogna e a atuação do Instituto Ayrton Sena. Esse movimento acelerado de mercantilização da educação tem fornecido um discurso ideológico eficiente ao elaborar uma proposta de “transformação radical” na educação, vista como atrasada e uma das principais causas da evasão escolar, com a conformação de perspectivas pedagógicas convenientes às atuais exigências do mercado. Para uma reflexão sobre este fenômeno, ver também Souza (2006) e Dardot e Laval (2004).

²<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/conteudos/estante-do-educador/praticas-que-contribuem-para-oprotagonismo-juvenil-na-escola.html>. Acessado em 20 de fevereiro de 2021.

O fomento do protagonismo efetivo na escola exige que três elementos funcionem bem:

- um currículo que permita que os jovens personalizem suas trajetórias escolares;
- professores e gestores parceiros do estudante, agindo como mediadores de sua participação;
- desenvolvimento de atividades que estimulem a participação dos jovens com método estruturado, de modo a gerar aprendizagens significativas.

Nessa mesma direção, Antônio Carlos Gomes da Costa³ (2006) em *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática* defende que o grande desafio do milênio reside em “possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso, onde o protagonismo é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade”. Esses seriam, portanto, os pilares de uma educação atenta às mudanças urgentes pelas quais nosso sistema de ensino precisaria passar, sob risco de tornar-se totalmente obsoleto e distante das novas gerações. Contudo, e em acordo com Souza (2006), identificamos o quão ideológico é esta definição asséptica de *protagonismo* onde o espaço público é transformado em mero cenário para atores sociais num sentido amplo, distante dos conflitos e das lutas históricas da juventude. Em sua tese, Souza (2006, p.256) afirma que as “novas formas” de participação supostamente despidas de ideologias, seriam superiores pois garantiriam a autonomia do indivíduo:

a associação entre autonomia, solidariedade e competência é apontada como o objetivo de uma educação baseada no “eixo” ou no “método” do protagonismo juvenil. Tal argumento, no entanto, supõe uma peculiar noção de autonomia: capacidade do indivíduo de entrar em atividade - ou atuar – isoladamente. A atuação social seria possível graças ao esforço do próprio indivíduo, que deve aproveitar todas as oportunidades para desenvolver as habilidades requeridas.

É nesse contexto mais amplo e complexo, permeado por disputas e avanço do discurso neoliberal sobre a educação, que consideramos fundamental recuperar outros fenômenos recentes. As ocupações de escolas dos anos 2015 e 2016 tornaram evidentes os conflitos que incidem sobre o cotidiano escolar. Se temos um avanço da mercantilização da educação, temos também formas sofisticadas de enfrentamento e organização que mobilizaram uma imensa

³ O autor é considerado uma referência sobre protagonismo na juventude. Possui uma empresa de consultoria a empresas do Terceiro Setor educacional, a Modus Faciendi, dentre as quais o Instituto Ayrton Senna, do qual é o principal consultor. O livro citado é uma co-edição FTD / Fundação Odebrecht.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 146-160

massa de jovens em torno da defesa de uma concepção mais democrática de escola. Como sinalizamos anteriormente, o discurso de “modernização” do sistema de ensino por meio da defesa de inclusão de nova tecnologias e do protagonismo meritocrático é uma concepção atravessada pela ideologia neoliberal. Não obstante, tem encontrado práticas de resistência. Nesta circunstância, as ocupações de escolas apresentaram como suas principais reivindicações “não fechem a minha escola” e não “precisamos de tablets” ou qualquer coisa do tipo⁴. A luta organizada pelos estudantes secundaristas foi de encontro àquela noção de protagonismo individualista, já que se fundamentaram na autogestão coletiva do espaço e da dinâmica escolar, trouxeram referências do movimento estudantil e da juventude no Brasil e em outros países (o movimento estudantil chileno foi uma importante inspiração), defenderam a organização horizontal do movimento, foram críticos às estruturas políticas verticalizadas e alcançaram uma articulação política a nível nacional (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Nos filiamos a esse processo e, no lastro das ocupações de escola, o projeto de um periódico virtual – o Diário de Classe⁵ – surge no CEFET-RJ, vigilante às demandas dos estudantes que, em pleno século XXI entendem claramente a educação como uma importante trincheira em defesa da democracia e contra a onda conservadora que cresce no Brasil. Ainda que o projeto se desenvolva no âmbito da extensão do CEFET-RJ, ressaltamos aqui o quão impensável é nos esquecermos das manifestações massivas e experiências inéditas dos estudantes secundaristas nos anos de 2015 e 2016. Como educadores e pesquisadores, defendemos que este é um dos fenômenos mais importantes para nos debruçar sobre os dilemas que as novas gerações têm enfrentado no cotidiano escolar. Portanto, precisa ser objeto constante de reflexões das ciências humanas e sociais com intuito de contribuir não só para repensar o fazer pedagógico, mas também a escola como espaço multifacetado e marcado por processos complexos e contraditórios, como aqueles marcados por formas de inclusões e exclusões, dominações e resistências, conflitos e solidariedades.

A educação sempre se colocou como um terreno de disputas. Seja pela reivindicação de seu potencial emancipatório, capaz mesmo de transformar a sociedade, seja pelo interesse em

⁴ Ou seja, a democratização do acesso ao sistema de ensino permanece como um obstáculo ainda maior do que a adoção de ferramentas digitais.

⁵ O projeto de extensão que originou o periódico virtual Diário de classe contou com a participação dos bolsistas de extensão Gabriella Bordoni do Curso Técnico Integrado ao Médio em Meteorologia e Matheus Franco do Curso Técnico Integrado ao Médio em Administração, vinculados ao Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ.

mantê-la como uma esfera de mera reprodução de hierarquias sociais, de estruturas de poder e da essência do elitismo. A despeito de importantes avanços e conquistas das últimas décadas, entramos no século XXI enfrentando uma gama considerável de obstáculos, ainda que experiências emancipatórias tenham sido vivenciadas, tais como as que se inspiram pela pedagogia freiriana (FREIRE, 1997). Do campo à cidade, podemos observar uma série de iniciativas que enfrentam o desafio de construir uma pedagogia de caráter emancipador.⁶ Dado o objetivo deste texto, não nos aprofundaremos aqui na discussão apontada por estas perspectivas e trataremos de apresentar o periódico *Diário de classe*.⁷ Porém, dado o atual contexto, consideramos fundamental retomarmos a reflexão sobre as potencialidades emancipatórias da educação e, no nosso caso, como a Sociologia poderia se inserir nesse processo. Dito isto, este trabalho relata a experiência de um projeto de extensão na área de Sociologia em vigência há dois anos e meio no CEFET-RJ, para a construção de um periódico virtual por estudantes do ensino médio integrado da nossa instituição⁸ voltado para estudantes de outras instituições e redes da educação básica. Ele nasce do desafio de romper com a dificuldade de interlocução entre instituições de ensino e pesquisa fazendo com que o conhecimento produzido circule, de fato, na sociedade.

Esta é uma dificuldade histórica que os veículos de divulgação científica têm enfrentado. Tal dificuldade não é aleatória ou secundária. Cada obstáculo evidencia os impasses que toda e qualquer iniciativa de popularização da educação, democratização do conhecimento e criação de novos fazeres científicos gera numa estrutura que tem como fundamento mecanismos que operam, sobretudo, para a distinção social num contexto em que o neoliberalismo aprofunda desigualdades. Partimos da realidade da rede federal de ensino que contou recentemente com transformações importantes no que concerne à sua expansão nacional e interiorização bem como a obrigatoriedade da adoção de políticas afirmativas.

Tais medidas representaram a inclusão de camadas da sociedade que sempre se viram alijadas do acesso ao ensino formal. Essas mudanças deveriam, em tese, tornar imperativo a reformulação progressiva e permanente de todo o sistema educacional: currículos, conteúdos,

⁶ Fundamental a esse respeito, o trabalho desenvolvido pela Escola Nacional Florestan Fernandes tem contribuído concretamente para a construção de outro projeto de educação e de sociedade. Ver Mariano e Lombardi (2019).

⁷ Para o aprofundamento destes temas, ver Bakunin (2003) e Tragtenberg (1978).

⁸ O ensino médio integrado é uma modalidade de ensino que visa superar a segmentação entre ensino técnico e propedêutico fundamentando-se na formação humana integrando todas as dimensões da vida no processo formativo e entre conhecimentos gerais e específicos.

metodologias, etc. Não são mudanças superficiais. Estamos falando da necessidade de transformações estruturais de um sistema que hoje é garantidor de privilégios. Nesse processo de reconhecimento e superação dos obstáculos que fazem parte do próprio sistema de ensino, questões geracionais, de acesso à tecnologia, conflitos raciais, de gênero, classe etc., todas se apresentam quando vivenciamos o cotidiano escolar para além da frieza dos conteúdos curriculares. Consideramos que atualmente todo discurso ou experiência que se pretenda transformador, irá se deparar com estas questões. Contudo, apontamos neste texto a existência de um discurso ideológico que busca direcionar o debate pedagógico para as demandas de mercado e, em oposição, as que se constroem a partir de referenciais coletivos e lutas históricas.

Consideramos de extrema importância localizarmos as iniciativas que apontam com clareza para uma ruptura com formas de reprodução de hierarquias no cotidiano escolar. Destacamos que este projeto articula áreas que, em geral, são constantemente desvalorizadas: a extensão; a extensão no ensino médio; a extensão na área de Humanas no ensino médio. Dito isto, temos um grande desafio pela frente.

1. Contextualizando o projeto

Não existe educação emancipatória sem democracia e liberdade de pensamento assim como não existe ciência sem que se mantenham abertas as portas para a crítica e o surgimento de novas questões. É fundamental e urgente que as instituições de ensino e pesquisa busquem formas de democratizar a produção de conhecimento, pois se trata de um compromisso com a sociedade bem como o aperfeiçoamento de uma de suas principais qualidades: o pensamento crítico, contextualizado, instigado pelas mudanças que ocorrem a todo momento, único capaz de nos fazer refletir e expandir horizontes comprometidos com a democracia. Já é lugar comum apontar a necessidade de uma ampla reformulação na educação que ainda se vê atrelada a paradigmas obsoletos, com ênfase na reprodução e não na produção de conhecimento. São muitos os fenômenos que nos apontam a urgência dessa transformação. Contudo, gostaríamos de ponderar que este projeto não surge com a pretensão de ser inovador e importar todo um discurso corrente sobre novos paradigmas na educação simplesmente por lançar mão de plataformas virtuais. Nosso ponto de interesse e motivação incide sobre as formas de democratização de cada etapa que envolve a produção de conhecimento e não apenas a sua divulgação, ainda que este seja um dos nossos objetivos. Ou seja, queremos romper as barreiras

que separam o que é produzido no CEFET-RJ da sociedade, mas com igual ênfase, buscamos intervir no cotidiano da instituição e nas formas sutis ou não de reprodução de hierarquias⁹.

Nesses termos, pensando em desdobramentos externos e internos, a revista torna-se um instrumento de fomento a debates urgentes acerca de outros saberes e epistemologias, somando-se ao movimento crescente de ampliação do alcance de perspectivas analíticas em diversos campos do conhecimento que permaneceram durante décadas à margem ou mesmo completamente silenciados nos componentes curriculares¹⁰. Antes de prosseguirmos, é de fundamental importância apontar a conexão deste projeto com um fenômeno da nossa história política recente¹¹. Como vimos, “protagonismo estudantil” é um daqueles conceitos que cabem em diferentes perspectivas e entendemos que deva ter um tratamento menos calcado no voluntarismo, e ser mais preciso em termos concretos de potencialidade para a transformação social. Inclusive, de acordo com Souza (2009), tal imprecisão não é um fator de debilidade do discurso, mas uma importante estratégia, ou uma peculiar operação discursiva, de fabricação do consenso. A autora analisa tal imprecisão dos múltiplos e vagos usos do termo como “uma encenação, implicando a anulação da política e funcionando como mecanismo de integração da juventude pobre” e que impede a fala autônoma e transgressora. Não obstante, conceitos surgem para nos auxiliar a explicar fenômenos concretos e, portanto, falar em protagonismo estudantil é pensar sobre as motivações e desdobramentos das práticas coletivas em que os estudantes são, de fato, protagonistas em seu contexto imediato, ou seja, na escola e na sociedade que os cercam. Assim, a concepção do projeto expressa no periódico só existe porque, em 2015 e 2016¹², centenas de jovens questionaram profundamente toda a estrutura de ensino denunciando

⁹ Aqui me refiro a formas naturalizadas nas práticas pedagógicas que reproduzem o racismo, o machismo e o elitismo, reforçando o papel da escola como um mecanismo de exclusão e hierarquização que, ao fim e ao cabo, naturalizam desigualdades sociais.

¹⁰ Sobre esta questão, podemos citar que, em 9 de janeiro de 2003, entrou em vigor a Lei Federal 10639/2003, alterando a Lei 9.394 que estabelece as diretrizes curriculares e bases da educação nacional (escolas públicas e privadas, e qualquer estabelecimento e modalidade de ensino de 1º, 2º e 3º graus), onde, em seu artigo 26-A, torna obrigatória a inclusão do estudo das “Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

¹¹ Mesmo com a lei que torna obrigatório o estudo da relações étnico-raciais, ainda temos um longo percurso para que estes sejam de fato ensinados ou mesmo utilizados como paradigma epistemológico legítimo no desenvolvimento de pesquisas, atividades pedagógicas etc. No CEFET-RJ temos importantes iniciativas nesse sentido às quais pretendemos somar com o trabalho desenvolvido neste projeto. Da mesma forma podemos citar os debates de gênero e epistemologias feministas. Nos referimos ao acúmulo dessas áreas, por exemplo, que precisam permear esse movimento político-pedagógico transformador e emancipador.

¹² Se ocupações de escola surpreenderam pelo seu ineditismo, não se pode dizer que estavam descoladas de outros movimentos políticos. De acordo com Brito (2018), elas compõem um processo de diversas manifestações massivas que tiveram o ano de 2013 como um importante marco. Para uma análise detalhada deste período e a sua relação com as ocupações, ver Brito (2018).

seu caráter antidemocrático e excludente a partir de reivindicações que os levaram a ocupar escolas estaduais em quase todos os estados do país e, por alguns meses, autogerir todo o processo pedagógico em que eles eram, de fato, protagonistas (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO; 2016).

Tal fenômeno não é aqui apenas considerado como relevante, mas nos indica uma perspectiva de análise que parte da experiência coletiva dos estudantes secundaristas. Nestes anos, tivemos centenas de escolas ocupadas em nosso país. Uma juventude constantemente rotulada como despolitizada rompeu os muros da escola e ganhou a mídia nacional exigindo um novo lugar a partir de reivindicações claras sobre a educação que desejavam¹³. Se temos a necessidade imperiosa de incorporar novas tecnologias ao fazer pedagógico, temos também a tarefa igualmente importante de compreender quem são esses jovens que se recusam de forma tão veemente a serem vistos apenas como receptores passivos de conteúdos disciplinares ou a ocupar um lugar limitado à lógica do mercado. Aqui trazemos a análise de Dardot e Laval (2015) e Laval (2004) quando apontam sobre a confrontação dos sentidos daquilo que é percebido e vivido como *comum* e a ordem neoliberal. Para os autores, a possibilidade de organização do *comum* segue sendo o principal antagonista dos preceitos liberais e representa uma experimentação do exercício de um direito de uso coletivo ao reter aquilo que destaca a sua destinação social, o que estabelece vínculos coletivos e cooperativos.

Essa reflexão é particularmente importante quando observamos o lugar privilegiado que a educação possui dentro de uma sociedade capitalista para atender as necessidades de sua reprodução e minar a construção de alternativas, além de lançar luz sobre o fenômeno das ocupações como emblemático de conflitos, mas também de alternativas que se fazem presentes nas frestas do cotidiano escolar. Se podemos, como Dardot e Laval (2004), dizer que hoje vivemos um absolutismo do indivíduo, as experiências gestadas por uma geração que ocupou escolas e as organizou a partir de uma lógica não competitiva são um fenômeno sobre o qual

¹³ Não nos alongaremos aqui sobre as ocupações. Contudo, este projeto busca também manter o vínculo com esse marco da nossa história que, infelizmente, parece um tanto apagado nas discussões sobre educação. O que nos parece preocupante em tempos onde assistimos à crescente mercantilização da educação e de práticas cada vez mais antidemocráticas nas políticas educacionais praticadas por “gestores” públicos. As ocupações representaram algo inédito, levadas à cabo por jovens muito novos, vários entre 14 e 18 anos, e teve abrangência nacional. Importante frisar que não estamos falando de uma greve de categoria que já possui rituais e repertórios fartamente conhecidos pela população e pelo Estado. Ninguém esperava que elas fossem acontecer, que os alunos fossem para cozinha fazer merendas para dezenas de outros alunos, organizassem debates e expusessem com todos os recursos tecnológicos – nas mídias sociais – a realidade que construíram. Ninguém imaginava que adolescentes gostassem da escola. O recado não poderia ser mais claro.

devemos nos debruçar. Em acordo com Campos (2016), podemos dizer que nosso sistema de educação tem enfrentado há décadas uma sequência de ataques que precarizam as condições de ensino-aprendizagem e de construção de conhecimento, a despeito das iniciativas transgressoras e inovadoras que buscam se constituir como alternativas no enfrentamento desse desmonte no campo político-pedagógico. Por essa razão, ressaltamos aqui a mensagem enunciada durante as ocupações.

Acreditamos que existe um descompasso entre a nossa demanda por popularização da ciência, a democratização do conhecimento e as bases que estruturam nosso sistema de ensino, voltado para a reprodução sistemática de hierarquias sociais. Se ainda sofremos com os altos índices de evasão escolar e descontinuidades do percurso formativo, torna-se um desejo distante a democratização de pesquisas acadêmicas reconhecidas como tais pela maioria da população. Ou seja, democratizar a ciência requer democratização da educação sem que esta adquira apenas o verniz modernizante de inclusão de novas tecnologias como expressão da superação de uma escola ultrapassada e datada. Sua transformação requer uma reflexão que alcance a raiz do problema que transformou a escola do século XX num mecanismo de exclusão e estratificação apesar do seu potencial emancipatório. Observando este fato, a *Diário de Classe*¹⁴ nasce em 2018 e tem como pilares a articulação entre a importância da ampliação da divulgação científica e a necessidade de uma transformação profunda na concepção de educação que seja cada vez mais democrática.

Nesse sentido, visa estimular o protagonismo dos estudantes por meio da divulgação de suas reflexões resultantes de trabalhos de disciplinas, relatórios de iniciação científica ou participação em projetos de extensão, de seus relatos de experiência, poemas, contos etc. Nosso projeto não se restringe à produção científica, buscando alcançar as expressões artísticas dos estudantes. Os pontos que discutimos neste artigo acerca da relação entre protagonismo juvenil e/ou estudantil e tecnologias tem como objetivo lançar luz sobre o contexto político assim como sobre os espaços em que atuamos. Ou seja, resgatamos a concepção de protagonismo que nos fundamenta, apostamos no alcance das publicações virtuais como forma de se construir redes de interação e troca entre os estudantes e buscamos incidir sobre os elementos estruturantes do sistema de ensino que identificamos como obstáculos para um engajamento com a construção

¹⁴ Importante citar que temos no CEFET-RJ um estimulante contexto de projetos de extensão com propostas semelhantes e, juntos, somamos forças como amplificadores das vozes dos nossos estudantes. Tais como o LUTE!, podcast com entrevistas realizadas pelos estudantes e o Folha CEFET, um jornal que também publiciza notícias da comunidade escolar.

de conhecimento em suas múltiplas formas, conectadas às reais demandas de uma sociedade tão desigual quanto à nossa.

Ressaltamos a escolha do nome do periódico escolhido pelos estudantes que fazem parte do projeto. É interessante notar a inversão de um instrumento utilizado pelos docentes para planejamento e controle de suas aulas – o diário de classe - que agora se torna um instrumento para a divulgação das expressões e reflexões discentes. O projeto incide sobre este aspecto na medida em que aposta no engajamento e na participação ativa dos estudantes no processo que compreende a concepção de cada trabalho, a sua execução, bem como na sua divulgação, refletindo criticamente sobre a melhor forma de comunicar resultados. Ou seja, amplia-se o objetivo do trabalho desenvolvido em cada instituição uma vez que se pretende ir além da avaliação docente no contexto escolar imediato, alcançando uma proposta político-pedagógica que se orienta e pratica uma troca menos verticalizada e compartilhada entre os próprios estudantes. Abaixo temos o logotipo da revista (figura 2) brilhantemente elaborado pela aluna Vitória Santos que, inspirada pela obra “A Liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix (figura 1), adaptou para nossos dias e contexto:

Figura 1 – “A Liberdade guiando o povo”



Figura 2 - Logotipo da revista



São jovens falando para outros jovens, comunicando seus interesses e suas reflexões. O cotidiano escolar é repleto de criação, de participação ativa e interesse por parte dos estudantes. Visibilizar, estimular e integrar este protagonismo ao nosso projeto político-pedagógico contribui para que possamos oferecer não apenas ensino de qualidade, mas uma visão de educação democrática e com participação real de toda comunidade escolar. Nenhuma instituição de ensino está isolada da sociedade e não podemos reforçar distâncias. Ao contrário,

integrar escola-comunidade é cumprir um dever social e conferir sentido ao processo de ensino-aprendizagem.

3. Sobre a estrutura da Diário de Classe

A partir do exposto anteriormente, apresentamos alguns eixos fundamentais: todo material publicado deve ser produzido exclusivamente por estudantes pertencentes às redes estadual, federal ou privada e destinado a eles. Para tal fim, adotamos o modelo de fluxo contínuo que nos permitirá mais tempo para assistir nossa equipe no processo de inclusão de cada material considerado adequado à publicação e que obedecerá às seguintes etapas: i) apreciação pela comissão de avaliação composta por estudantes bolsistas e voluntários que fazem parte do projeto; ii) retorno ao autor com o parecer de deferimento ou razões do indeferimento e prazos para ajustes, se for o caso; e por fim, a publicação.

Considerando que a produção de conhecimento por parte da juventude na maioria das vezes fica restrita ao contexto escolar mais imediato, esta iniciativa amplia o seu alcance e estimula a troca de reflexões contemplando a diversidade presente em cada uma das redes de ensino¹⁵. A divulgação de textos produzidos por estudantes secundaristas visa alcançar outros estudantes uma vez que podem ser utilizados em sala de aula por diversas disciplinas. Podemos ter, por exemplo, um artigo produzido por um estudante da rede estadual da Bahia sendo lido por outro na rede federal do Paraná ou um texto produzido por aluno do CEFET-RJ, morador da Baixada Fluminense, sendo lido por outro jovem em Feira de Santana (BA) e vice-versa. Para tal, temos uma rede de professores colaboradores comprometidos com impulsionar o periódico, utilizando seus textos em sala de aula, estimular os estudantes a produzirem de forma autêntica e autônoma seus próprios artigos, ou a divulgar resultados de projetos de pesquisa e extensão, bem como outros tipos de produção artística. Entendemos que não temos apenas um conselho editorial, mas uma rede engajada e com total afinidade de propósito. O engajamento de professores que se identificam com a proposta também é um elemento importante mesmo que a revista esteja disponível na internet. Isto é, contamos com a utilização dessas publicações pelos professores em suas aulas na medida em que não basta que este conteúdo esteja disponível

¹⁵ O periódico se destina a artigos que partam, sobretudo, da Sociologia e da Filosofia, ainda que não se restrinja a elas. Tais áreas alcançaram recentemente uma maior presença no Ensino Médio e tem contribuído para o estímulo e sistematização de tais reflexões.

virtualmente. O estímulo que um professor provoca ao apresentar um texto com essas características e trabalhar um tema em sala de aula a partir dele é um dos nossos objetivos.

Nesses dois anos, nosso trabalho enfrentou alguns revezes como, por exemplo, encontrar os caminhos internos em nossa instituição para que haja uma publicação com essas características¹⁶, o que nos levou a investir mais na sua divulgação em encontros e congressos¹⁷ e na sua estruturação para que atenda todos os requisitos de qualquer outra revista acadêmica¹⁸. O que, acreditamos, também é um fator de estímulo e reconhecimento da produção dos estudantes. Durante nossas reuniões de desenvolvimento do projeto nos preocupou a possibilidade da revista ser vista como uma abertura para a visão produtivista no ensino médio, contribuindo apenas para o adiantamento desta para esse segmento da educação básica. Por estarmos também submetidos às exigências de produtivismo, sabemos que facilmente poderíamos nos aproximar cada vez mais da lógica já presente nas universidades, trazendo-a para a educação básica. Contudo, nos mantemos alertas ao risco mencionado acima, vigilantes à concepção emancipadora que nos inspira. Como um exemplo desta inspiração, abaixo apresentamos um poema da aluna Victoria Freitas que chama atenção pelo olhar extremamente crítico de uma jovem que descreve sua experiência, seu lugar na escola e na sociedade:

Sou daqui

*Sou suas desistências
Sou as sobras da exploração
Um grito de um povo escondido
Sou todos os calos das mãos*

*Sou olhos cheios de vida
A melhor mão de obra braçal
Sou corações cheios de sonhos*

*Sou seu alimento vital
Sou perda de bens em enchentes
Sou chacina esquecida*

*Sou o Estado batendo de frente
Sou o lugar para o fim da vida
Sou finado por bala perdida
Sou Duda, Marielle e Amarildo
Sou amor pela vida incessante*

Por dentre os becos esquecido

¹⁶ O projeto se encontra em sua fase final, aguardando apenas a finalização dos trâmites institucionais internos para a sua publicação no portal do CEFET-RJ¹⁶. Nós poderíamos ter optado por uma plataforma gratuita e que de imediato veiculasse o material de que dispomos. Contudo, decidimos que o projeto deveria se institucionalizar completamente e constar na página oficial. Para tal fim, utilizaremos a plataforma Open Journal Systems.

¹⁷ Em 2018 apresentamos o projeto no VI ENSOC, ficamos em 2º lugar na categoria Ciências Humanas na EXPOTEC (CEFET-RJ) e em 1º lugar na XVII FECTI na categoria Interdisciplinar. Em 2019, fomos finalistas na MOSTRATEC, feira internacional realizada em Novo Hamburgo (RS).

¹⁸ Apesar das dificuldades impostas pela pandemia que agora vivenciamos, o primeiro número da *Diário de Classe* está previsto para este ano de 2020, em fins de trâmites internos à instituição. Porém, utilizamos outras redes sociais (Instagram e Facebook) como canal de divulgação e interlocução com os estudantes do CEFET e de outras redes de ensino.

*Sou a escória do mundo
O grito de um povo mudo
Sou medo de morte diário
Sou corrida de quem não chega no páreo*

*Sou o silêncio faminto
Pena de morte sem júri
Sou churrasco em dia de domingo
E sua desumanidade impune*

*Não podem roubar a terra
Não podem roubar o meu sangue
Sou criança que de noite berra
Não vou deixar que me engane*

*Não vão me esconder para sempre
Sou a ascensão que você não entende
Sou ruas, becos e vielas
Sou pobre, sou rico, SOU FAVELA*

Por se tratar de uma proposta que atravessa completamente qualquer contorno institucional, nosso conselho editorial é formado por professores de diferentes coordenações dentro do CEFET-RJ e de outras redes. Mesmo com um acúmulo de discussão tão significativo acerca da importância da democratização do ensino, da necessidade do trabalho colaborativo entre professores e estudantes, diminuindo hierarquias que impeçam o estudo investigativo e científico, o projeto de uma revista discente não é comum em nosso país. Brasil afora é comum encontramos projetos de jornais escolares, circunscritos ao contexto imediato e não voltados à sociedade de forma ampla. Por essa razão, o que buscamos aqui é alcançar a circulação do conhecimento produzido pelos estudantes para além da sua própria instituição, cruzando diferentes redes de ensino em diferentes estados.

Por fim, ressaltamos brevemente a importância do projeto no contexto de constante desvalorização da extensão e da Sociologia, sobretudo na educação básica. Mesmo na universidade a pesquisa possui mais destaque que atividades extensionistas. Podemos encontrar uma explicação para tal na mesma estrutura verticalizada, bacharelista e excludente que buscamos transformar com esse projeto. Vista como área de menor valor, podemos ter a dimensão da desvalorização da extensão, por exemplo, na forma como as atividades relacionadas à pesquisa possuem mais destaque nas carreiras do magistério, tornando manco o tripé – ensino, pesquisa e extensão - que deveria ser equilibrado.

Como explicitamos acima, nossa iniciativa busca incidir em áreas desvalorizadas nas instituições em todos os segmentos de ensino. A luta incessante pela inclusão e permanência da Filosofia e da Sociologia nos currículos da educação básica demonstra a dificuldade em reformularmos nosso sistema de ensino a partir de uma visão menos obtusa acerca de todo processo pedagógico. Por sua vez, a desvalorização da extensão é um indicador do caráter excludente e elitista que ainda persiste nas instituições de ensino. Muitos profissionais se

dedicam à extensão sem que haja reconhecimento capaz de impulsionar e consolidar estas iniciativas.

Considerações Finais

Aqui expusemos uma experiência pequena, mas com clareza de que nossos horizontes são amplos, maiores do que o mundo virtual pode sugerir. Sem dúvida alguma, lançamos mão das potencialidades que a internet pode nos oferecer e, mais que isso, trata-se de um fato contra o qual não podemos nos opor. O mundo virtual e a presença da tecnologia são realidades para a grande maioria da nossa juventude. Após extensos debates sobre o caráter descentralizador das informações que a massificação da internet poderia proporcionar, o que estamos vivendo neste momento nos exige uma posição de permanente crítica e reflexão sobre o que, de fato, podemos e queremos quando nos apropriamos das novas tecnologias. Fomos da “era da informação” para outra fase, em que impera a desinformação, o esvaziamento dos discursos, a violência das notícias falsas, das “bolhas” geradas por algoritmos e pelo negacionismo da ciência.

Estamos enfrentando um imenso empobrecimento do seu uso, manipulações de toda sorte com *fake news* definindo pautas e a vida política mundo afora, banalização de tragédias, num constante processo de mimese e captura da realidade. A *Diário de Classe* reúne, portanto, esses desafios: movimentar nosso cotidiano estimulando que os estudantes exponham para a sociedade – já que nosso alcance extrapola o próprio CEFET-RJ – tudo que os provoca e se traduz em arte, ciência e conhecimento. Nossa concepção afirma a utilização lúcida, crítica e transformadora da tecnologia e dos ambientes virtuais que, aliados aos processos educacionais e formativos, possam realmente construir novos horizontes sem que caiamos no canto fácil que o fetiche da tecnologia possui nos dias de hoje.

Referências bibliográficas

- BAKUNIN, M. A Instrução Integral. Tradução: Luiz Roberto Malta. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- BRANDÃO, C.R. “Educação alternativa na sociedade autoritária”. In: PAIVA, V. (org.) Perspectivas e dilemas da educação popular. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.171-202.

- BRITO, Luciana Ribeiro de. “Você fecha a minha escola e eu tiro o seu sossego”: ocupações secundaristas e movimento estudantil. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2018
- CAMPOS, A.M.; MEDEIROS J.; RIBEIRO, M.M. Escolas de Luta. São Paulo: Veneta, 2016.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. Protagonismo juvenil: Adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. “Propriedade, apropriação social e instituição do comum”. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 27, nº 1, junho 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- LAVAL, C. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Planta, 2004.
- LUKÁCS, G. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PEIXOTO, Joana; ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. “Tecnologia e educação: algumas considerações sobre os discursos pedagógicos contemporâneos”. In: Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012. Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br/>
- SOUZA, Regina M. “Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz”. In: Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, 1(1): 1-28, 2009.
- SOUZA, Regina M. O discurso do protagonismo juvenil. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP. São Paulo: 2006.
- TRAGTENBERG, Maurício. “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”. In: Educação e Sociedade, São Paulo/Campinas, Cortez/CEDES, nº 01. 1978.

Sites:

<https://www.cogna.com.br/> Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

<https://elevaeducacao.com.br/> Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br.html> Acesso em 18 de fevereiro de 2021.